

## **CARTAS CHILENAS** **Tomás Antonio Gonzaga**

Este material foi adaptado pela Biblioteca Digital e Sonora da Universidade de Brasília. Permitindo o uso apenas para fins educacionais de pessoas com deficiência visual. Este material não pode ser reproduzido, modificado e utilizado para fins comerciais.

### **Texto adaptado por:**

Jessica Assunção Cambraia

### **Revisado por:**

Jessica Assunção Cambraia

Raiany Alves de Souza

### **Revisado por:**

Gabriella Lima Dantas

### **Origem do livro:**

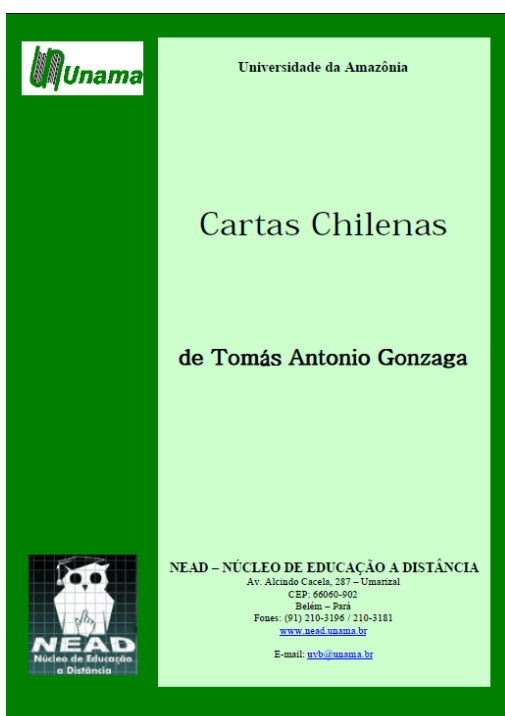
**E-Book:** <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000293.pdf>

**Brasília, Janeiro de 2017.**

GONZAGA, Tomás Antonio. **Cartas Chilenas**. Belém: Unama, [200-?]. Disponível em:

[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=17453](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17453) >. Acesso em: 26 Jan. 2017

## **Capa**



**Legenda da imagem:** sem legenda.

**Descrição da imagem:** A capa é predominantemente de cor verde escura, mas centro tem um retângulo verde claro. Na parte superior no lado direito está o logotipo da Unama e centralizado está escrito Universidade da Amazônia, abaixo está o título do livro Cartas Chilenas. Abaixo o nome do autor de Tomás Antonio Gonzaga, no final canto esquerdo está o logotipo do NEAD representando por uma coruja na cor branca ela está usando um capelo, ao lado informações sobre o núcleo que reproduziu o material NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal, CEP: 66060-902, Belém – Pará, Fones: (91) 210-3196 / 210-3181, [www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br), E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br).  
**(Fim da descrição)**

## **Página 2**

### **Cartas Chilenas**

De Tomás Antonio Gonzaga

#### **PRÓLOGO**

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar, com ele, uma estreita amizade e chegou a confiar-me os manuscritos, que trazia. Entre eles encontrei as Cartas Chilenas, que são um artificioso compêndio das desordens, que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile.

Logo que li estas Cartas, assentei comigo que as devia traduzir na nossa língua, não só porque as julguei merecedoras deste obséquio pela simplicidade do seu estilo, como, também, pelo benefício, que resulta ao público, de se verem satirizadas as insolências deste chefe, para emenda dos mais, que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um D. Quixote pode desterrar do mundo as loucuras dos cavaleiros andantes; um Fanfarrão Minésio pode também corrigir a desordem de um governador despótico.

Eu mudei algumas coisas menos interessantes, para as acomodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas, pois, se és douto, hás de conhecer a suma dificuldade, que há na tradução em verso. Lê, diverte-te e não queiras fazer juízos temerários sobre a pessoa de Fanfarrão. Há muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um deles, etc.

*... Quid rides ? mutato nomine, de te*

*Fabula narratur...*

Horat. Sat 1ª, versos 69 e 70.

#### **DEDICATÓRIA AOS GRANDES DE PORTUGAL**

Ilmos. e exmos. senhores,

Apenas concebi a idéia de traduzir na nossa língua e de dar ao prelo as Cartas Chilenas, logo assentei comigo que V.Exas. Haviam de ser os Mecenas a

quem as dedicasse. São V.Exas. aqueles de quem os nossos soberanos costumam fiar os governos das nossas conquistas: são por isso aqueles a quem se devem consagrar todos os escritos, que os podem conduzir ao fim de um acertado governo.

Dois são os meios porque nos instruímos: um, quando vemos ações gloriosas, que nos despertam o desejo da imitação; outro, quando vemos ações indignas, que nos excitam o seu aborrecimento. Ambos estes meios são eficazes: esta a razão porque os teatros, instituídos para a instrução dos cidadãos, umas vezes nos representam a um herói cheio de virtudes, e outras vezes nos representam a um monstro, coberto de horrorosos vícios.

Entendo que V.Exas. se desejarem instruir por um e outro modo. Para se instruírem pelo primeiro, têm V.Exas. Os louváveis exemplos de seus ilustres progenitores. Para se instruírem pelo segundo, era necessário que eu fosse

### **Página 3**

descobrir o Fanfarrão Minésio, em um reino estranho! Feliz reino e felizes grandes que não têm em si um modelo destes!

Peço a V.Exas. que recebam e protejam estas cartas. Quando não mereçam a sua proteção pela eloquência com que estão escritas, sempre a merecem pela sã doutrina que respiram e pelo louvável fim com que talvez as escreveu o seu autor Critilo.

Beija as mãos  
De V.Exas.  
O seu menor criado...

### **CARTA Iª**

*Em que se descreve a entrada que fez  
Fanfarrão em Chile.*

Amigo Doroteu, prezado amigo,  
Abre os olhos, boceja, estende os braços  
E limpa, das pestanas carregadas,  
O pegajoso humor, que o sono ajunta.  
5— Critilo, o teu Critilo é que m te chama;  
Ergue a cabeça da engomada fronha  
Acorda, se ouvir queres coisas raras.  
"Que coisas, ( tu dirás ), que coisas podes C  
ontar que valham tanto, quanto vale  
10— Dormir a noite fria em mole cama,  
Quando salta a saraiva nos telhados  
E quando o sudoeste e outros ventos  
Movem dos troncos os frondosos ramos?"  
É doce esse descanso, não te nego.  
15 – Também, prezado amigo, também gosto  
De estar amadornado, mal ouvindo  
Das águas despenhadas brando estrondo,

E vendo, ao mesmo tempo, as vãs quimeras,  
Que então me pintam os ligeiros sonhos.  
20– Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;  
Não falta tempo em que do sono gozes:  
Então verás leões com pés de pato,  
Verás voarem tigres e camelos,  
Verás parirem homens e nadarem  
25– Os roliços penedos sobre as ondas.  
Porém que têm que ver estes delírios  
Co'os sucessos reais, que vou contar-te?  
Acorda, Doroteu, acorda, acorda;  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama.  
30– Levanta o corpo das macias penas;  
Ouvirás, Doroteu, sucessos novos,  
Estranhos casos, que jamais pintaram  
Na idéia do doente, ou de quem dorme  
Agudas febres, desvairados sonhos

#### **Página 4**

35– Não és tu, Doroteu, aquele mesmo  
Que pedes que te diga se e verdade  
O que se conta dos barbados monos  
Que à mesa trazem os fumantes pratos?  
Não desejas saber se há grandes peixes,  
40– Que abraçando os navios com as longas,  
Robustas barbatanas, os suspendem,  
Inda que o vento, que d'alheta sopra,  
Lhes inche os soltos, desrinzados panos ?  
Não queres que te informe dos costumes.  
45– Dos incultos gentios? Não perguntas  
Se entre eles há nações, que os beiços furam?  
E outras que matam, com piedade falsa,  
Aos pais, que afrouxam ao poder dos anos?  
Pois se queres ouvir notícias velhas  
50– Dispersas por imensos alfarrábios,  
Escuta a história de um moderno chefe.  
Que acaba de reger a nossa Chile,  
Ilustre imitador a Sancho Pança.  
E quem dissera, amigo, que podia  
55– Gerar segundo Sancho a nossa Espanha!  
Não penses, Doroteu, que vou contar-te  
Por verdadeira história uma novela  
Da classe das patranhas, que nos contam  
Verbosos navegantes, que já deram  
60– Ao globo deste mundo volta inteira.  
Uma velha madrasta me persiga,  
Uma mulher zelosa me atormente,  
E tenha um bando de gatunos filhos,

Que um chavo não me deixem, se este chefe  
6 – Não fez ainda mais do que eu refiro.  
Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo  
Da sorte que o topei a vez primeira;  
Nem esta digressão motiva tédio  
Como aquelas que são dos fins alheias,  
70– Que o gesto, mais o traje nas pessoas  
Faz o mesmo que fazem os letrados  
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,  
Que dão, do que eles tratam, boa idéia.  
Tem pesado semblante, a cor é baça.  
75 – O corpo de estatura um tanto esbelta  
Feições compridas e olhadura feia,  
Tem grossas sobrelhas, testa curta,  
Nariz direito e grande, fala pouco  
Em rouco, baixo som de mau falsete  
80– Sem ser velho, já tem cabelo ruço  
E cobre este defeito e fria calva  
À força de polvilho, que lhe deita.  
Ainda me parece que o estou vendo  
No gordo rocinante escarranchado

## Página 5

85– As longas calças pelo umbigo atadas,  
Amarelo colete e sobre tudo  
Vestida uma vermelha e justa farda  
De cada bolso da fardeta, pendem  
Listadas pontas de dois brancos lenços;  
90– Na cabeça vazia se atravessa  
Um chapéu desmarcado, nem sei como  
Sustenta o pobre só do laço o peso.  
Ah ! tu, Catão severo, tu que estranhas  
O rir-se um cônsul moço, que fizeras  
95– Se em Chile agora entrasses e se visses  
Ser o rei dos peraltas quem governa ?  
Já lá vai, Doroteu, aquela idade  
Em que os próprios mancebos, que subiam  
À honra do governo, aos outros davam  
100 – Exemplos de modéstia, até nos trajés.  
Deviam, Doroteu, morrer os povos  
Apenas os maiores imitaram  
Os rostos e os costumes das mulheres  
Seguindo as modas e raspando as barbas.  
105– Os grandes do país, com gesto humilde  
Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo;  
Ele austero os recebe, só se digna  
Afrouxar do toutiço a mola um nada,  
Ou pôr nas abas do chapéu os dedos.

110– Caminha atrás do chefe um tal Robério  
Que entre os criados tem respeito de aio;  
Estatura pequena, largo o rosto,  
Delgadas pernas e pançudo ventre,  
Sobejo de ombros, de pescoço falto;  
115– Tem de pisorga cores e conserva  
As bufantes bochechas sempre inchadas.  
Bem que já velho seja, inda presume  
De ser aos olhos das madamas grato  
E o demo lhe encaixou que tinha pernas  
120– Capazes de montar no bom ginete  
Que rincha no Parnaso. Pobre tonto!  
Quem te mete em camisas de onze varas!  
Tu só podes cantar, em coxos versos  
E ao som da má rebeca, com que atroas  
125– Os feitos do teu amo e os seus despachos.  
Ao lado de Robério, vem Matúcio,  
Que respira do chefe o modo e o gesto.  
É peralta rapaz de tesas gâmbias,  
Tem cabelo castanho e brancas faces,  
130– Tem um ar de mylord e a todos trata  
Como a inúteis bichinhos; só conversa  
Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta  
Das moças do país as frescas praças.  
Dos bolsos da casaca dependura

## Página 6

135– As pontas perfumadas dos lencinhos,  
Que é sinal, ou caráter, que distingue  
Aos serventes das casas dos mais homens,  
Assim como as famílias se conhecem  
Por herdados brasões de antigas armas.  
140– Montado em nédia mula vem um padre  
Que tem de capelão as justas honras.  
Formou-se em Salamanca, é homem sábio.  
Já do mistério do Pilar um dia.

Um sermão recitou, que foi um pasmo.  
145– Labregão no feitio e meio idoso.  
Tem olhos encovados, barba tesa,  
Fechadas sobranceiras, rosto fusco,  
Cangalhas no nariz. Ah! quem dissera  
Que num corpo, que tem de nabo a forma,  
150– Haviam pôr os céus tão grande caco!  
O resto da família é todo o mesmo,  
Escuso de pintá-lo. Tu bem sabes  
Um rifão que nos diz, que dos domingos  
Se tiram muito bem os dias santos.

155– Ah! pobre Chile, que desgraça esperas!  
Quanto melhor te fora se sentisses  
As pragas, que no Egito se choraram,  
Do que veres que sobe ao teu governo  
Carrancudo casquilho, a quem rodeiam  
160– Os néscios, os marotos e os peraltas!  
Seguido, pois, dos grandes entra o chefe  
No nosso Santiago junto à noite.  
A casa me recolho e cheio destas  
Tristíssimas imagens, no discurso,  
165– Mil coisas feias, sem querer, revolvo.  
Por ver se a dor divirto, vou sentar-me  
Na janela da sala e ao ar levanto  
Os olhos já molhados. Céus, que vejo!  
Não vejo estrelas que, serenas, brilhem,  
170– Nem vejo a lua que prateia os mares:  
Vejo um grande cometa, a quem os doutos  
Caudato apelidaram. Este cobre  
A terra toda co' disforme rabo.  
Aflito o coração no peito bate,  
175 – Erriça-se o cabelo, as pernas tremem.  
O sangue se congela e todo o corpo  
Se cobre de suor. Tal foi o medo.  
Ainda bem o acordo não restauro  
Quando logo me lembra que este dia  
180– É o dia fatal, em que se entende  
Que andam, no mundo, soltos, os diabos.  
Não rias, Doroteu, dos meus agouros;  
Os antigos romanos foram sábios,  
Tiveram agoureiros: estes mesmos

## Página 7

185– Muitas vezes choraram, por tomarem  
Os avisos celestes como acasos.  
Ajuntavam-se os grandes desta terra.  
À noite, em casa do benigno chefe  
Que o governo largou. Aqui, alegres,  
190– Com ele se entretinham largas horas  
Depostos os melindres da grandeza,  
Fazia a humanidade os seus deveres  
No jogo e na conversa deleitosa.  
A estas horas entra o novo chefe  
195– Na casa do recreio e, reparando  
Nos membros do congresso, a testa enruga,  
E vira a cara, como quem se enoja.  
Porque os mais, junto dele não se assentem  
Se deixa em pé ficar a noite inteira.  
200– Não se assenta, civil, da casa o dono

Não se assenta, que é mais, a ilustre esposa;  
Não se assenta, também, um velho bispo  
E a exemplo destes, o congresso todo.  
Pensavas, Doroteu, que um peito nobre,  
205– Que teve mestres, que habitou na corte  
Havia praticar ação tão feia  
Na casa respeitável de um fidalgo,  
Distinto pelo cargo que exercia  
E, mais ainda, pelo sangue herdado?  
210– Pois inda, caro amigo, não sabias  
Quanto pode a tolice e vã soberba.  
Parece, Doroteu, que algumas vezes,  
A sábia natureza se descuida.  
Devera, doce amigo, sim, devera  
215– Regular os natais conforme os gênios.  
Quem tivesse as virtudes de fidalgo,  
Nascesse de fidalgo e quem tivesse  
Os vícios de vilão, nascesse embora,  
Se devesse nascer, de algum lacaio,  
220 – Como as pombas, que geram fracas pombas,  
Como os tigres, que geram tigres bravos.  
Ah ! se isto, Doroteu, assim sucede  
Estava o nosso chefe mesmo ao próprio  
Para nascer sultão do Turco Império,  
225– Metido entre vidraças, reclinado  
Em coxins de veludo e vendo as moças,  
Que de todas as partes o cercavam,  
Coçando-lhe umas, levemente, as pernas  
E as outras abanando-o, com toalhas:  
230– Só assim, Doroteu, o nosso chefe  
Ficaria de si um tanto pago.  
Chegou-se o dia da funesta posse:  
Mal os grandes se ajuntam, desce a escada

## Página 8

E, sem mover cabeça, vai meter-se  
235– Debaixo do lustroso e rico pálio.  
Caminham todos juntos para o templo,  
Um salmo se repete, em doce coro,  
A que ele assiste, desta sorte inchado,  
Entesa mais que nunca o seu pescoço.  
240– Em ar de minuete o pé concerta  
E arqueia o braco esquerdo sobre a ilharga.  
Eis aqui, Doroteu, o como param  
Os maus comediantes, quando fingem  
As pessoas dos grandes, nos teatros.  
245 – Acabada a função, à casa volta;  
(Os grandes o acompanham, descontentes),



Co'a mesma pompa com que foi ao templo.  
 Tu já viste o ministro carrancudo  
 A quem os tristes pretendentes cercam,  
 250— Quando no régio tribunal se apeia,  
 Que, bem que humildes em tropel o sigam,  
 Não pára, não responde, não corteja ?  
 Tu já viste o casquilho, quando sobe  
 A casa em que se canta e em que se joga,  
 255— Que deixa à porta as bestas e os lacaios,  
 Sem sequer se lembrar que venta e chove?  
 Pois assim nos tratou o nosso chefe:  
 Mal à porta chegou, de chefe antigo,  
 Com ele se recolhe e até ao mesmo  
 260— Luzido, nobre corpo do senado  
 Não fala, não corteja, nem despede.  
 Da sorte que o lacaios a sege arruma  
 Por não tomar a rua às outras seges,  
 Assim os cidadãos o pátio encostam  
 265— Ao batente da porta e, quais lacaios,  
 Na rua, esperam que seu amo desça,  
 Ou, a ele ficar, que os mande embora.  
 À vista desta ação indigna e feia,  
 Todo o congresso se confunde e pasma.  
 270— Sobe às faces de alguns a cor rosada,  
 Perdem outros a cor das roxas faces;  
 Louva esta o proceder do chefe antigo,  
 Aquele o proceder do novo estranha,  
 E os que podem vencer do gênio a força  
 275— Aos mais escutam, sem dizer palavra.  
 São estes, louco chefe, os são exemplos  
 Que, na Europa, te dão os homens grandes?  
 Os mesmos reis não honram aos vassallos?  
 Deixam de ser, por isso, uns bons monarcas?  
 280— Como errado caminhas! O respeito  
 Por meio das virtudes se consegue  
 E nelas se sustenta. Nunca nasce  
 Do susto e do temor, que aos povos metem

## Página 9

injúrias, descortijos e carrancas.  
 285— Findou-se, Doroteu, a longa história  
 Da entrada deste chefe, agora vamos,  
 Que e tempo, descansar um breve instante.  
 Nas outras contarei, prezado amigo,  
 Os fatos, que ele obrou no seu governo,  
 290— Se acaso os justos céus quizerem dar-me.  
 Para tanto escrever, papel e tempo.

## CARTA 2ª

*Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingiu no princípio do seu governo, para chamar a si todos os negócios.*

As brilhantes estrelas já caíam  
E a vez terceira os galos já cantavam,  
Quando, prezado amigo, punha o selo  
Na volumosa carta, em que te conto  
5- Do nosso imortal chefe a grande entrada;  
E refletindo, então, ser quase dia,  
A despir-me começo, com tal ânsia,  
Que entendo que inda estava o lacre quente  
Quando eu já, sobre os membros fatigados,  
10- Cuidadoso, estendia a grossa manta.  
Não cuides, Doroteu, que brandas penas  
Me formam o colchão macio e fofo;  
Não cuides que é de paina a minha fronha  
E que tenho lençóis de fina holanda,  
15- Com largas rendas sobre os crespos folhos.  
Custosos pavilhões, dourados leitos  
E colchas matizadas, não se encontram  
Na casa mal provida de um poeta,  
Aonde, há dias que o rapaz que serve  
20- Nem na suja cozinha acende o fogo.  
Mas, nesta mesma cama, tosca e dura,  
Descanso mais contente, do que dorme  
Aquele, que só põe o seu cuidado  
Em deixar a seus filhos o tesouro  
25- Que ajunta, Doroteu, com meio avara,  
Furtando ao rico e não pagando ao pobre.  
Aqui. . . mas onde vou, prezado amigo?  
Deixemos episódios, que não servem  
E vamos prosseguindo a nossa história.  
30- Fui deitar-me ligeiro, como disse,  
mal estendo nos lençóis o corpo,  
Dou um sopro na vela, os olhos fecho  
E pelos dedos rezo a muitos santos,  
Por ver se chega mais depressa o sono,

## Página 10

35- Conselho que me deram sábias velhas  
já, meu bom Doroteu, o sono vinha:  
Umás vezes dormindo, ressonava,  
Outras vezes, rezando, inda bulia  
Com os devotos beijos, quando sinto

40– Passar um carro, que me abala o leito.  
Assustado desperto, os olhos abro  
E, conhecendo a causa que me acorda,  
Um tanto impaciente o corpo viro,  
Fecho os olhos de novo e cruzo os braços  
45– Para ver se outra vez me torna o sono  
Segunda vez o sono já tornava  
Quando o estrondo percebo de outro carro;  
Outra vez, Doroteu, o corpo volto,  
Outra vez me agasalho, mas que importa?  
50– Já soam dos soldados grossos berros,  
Já tinem as cadeias dos forçados,  
Já cham os guindastes, já me atroam  
Os golpes dos machados e martelos  
E, ao pé de tanta bulha, já não posso  
55– Mais esperança ter de algum sossego.  
Salto fora da cama, acendo a vela,  
À banca vou sentar-me exasperado,  
E, por ver se entretenho as longas horas,  
Aparo a minha pena, o papel dobro  
60– E com mão, que ainda treme de cansada,  
Não sei, prezado amigo, o que te escrevo.  
Só sei que o que te escrevo são verdades  
E que vêem muito bem ao nosso caso.  
Apenas, Doroteu, o nosso chefe  
65– As rédeas manejou, do seu governo,  
Fingir-nos intentou que tinha uma alma  
Amante da virtude. Assim foi Nero.  
Governou aos romanos pelas regras  
Da formosa justiça, porém logo  
70– Trocou o cetro de ouro em mão de ferro.  
Manda, pois, aos ministros lhe dêem listas  
De quantos presos as cadeias guardam,  
Faz a muitos soltar e aos mais alenta  
De vivas, bem fundadas esperanças.  
75– Estranha ao subalterno, que se arroga  
O poder castigar ao delinqüente  
Com troncos e galés; enfim ordena  
Que aos presos, que em três dias não tiverem  
Assentos declarados, se abram logo  
80– Em nome dele, chefe, os seus assentos.  
Aquele, Doroteu, que não é santo,  
Mas quer fingir-se santo aos outros homens  
Pratica muito mais, do que pratica  
Quem segue os sãos caminhos da verdade.

85– Mal se põe nas igrejas, de joelhos,

Abre os braços em cruz, a terra beija,  
 Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,  
 Faz que chora, suspira, fere o peito,  
 E executa outras muitas macaquices  
 90– Estando em parte onde o mundo as veja.  
 Assim o nosso chefe, que procura  
 Mostrar-se compassivo, não descansa  
 Com estas poucas obras: passa a dar-nos  
 Da sua compaixão maiores provas.  
 95– Tu sabes, Doroteu, qual seja o crime  
 Dos soldados, que furtam aos soldados,  
 E sabes muito bem que pena incorram  
 Aqueles que viciam ouro e prata.  
 Agora, Doroteu, atende o como  
 100– Castiga o nosso chefe em um sujeito  
 Estes graves delitos, que reputa  
 Ainda menos do que leves faltas.  
 Apanha um militar aos camaradas  
 Do solo uma porção. Astuto e destro,  
 105– Para não se sentir o grave furto,  
 Mistura nos embrulhos, que lhes deixa,  
 Igual quantia de metal diverso.  
 Faz-se queixa ao bom chefe deste insulto,  
 Sim, faz-se ao chefe queixa, mas de balde,  
 110– Que este Hércules não cinge a grossa pele,  
 Nem traz na mão robusta a forte clava,  
 Para guerra fazer aos torpes Cacos.  
 Já leste, Doroteu, a d. Quixote ?  
 Pois eis aqui, amigo, o seu retrato;  
 115– Mas diverso nos fins, que o doido Mancha  
 Forceja por vencer os maus gigantes  
 Que ao mundo são molestos e este chefe  
 Forceja por suster, no seu distrito,  
 Aqueles que se mostram mais velhacos.  
 120– Não pune, doce amigo, como deve,  
 Das sacrossantas leis a grave ofensa;  
 Antes, benigno, manda ao bom Matúcio  
 Que do seu ouro próprio se ressarça  
 Aos aflitos roubados toda a perda.  
 125– Já viste, Doroteu, igual desordem?  
 O dinheiro de um chefe, que a lei guarda,  
 Acode aos tristes órfãos e às viúvas;  
 Acode aos miseráveis, que padecem  
 Em duras, rotas camas e socorre,  
 130 – Para que honradas sejam, as donzelas,  
 Porém não paga furtos, porque fiquem  
 Impunes os culpados, que se devem,  
 Para exemplo, punir com mão severa.  
 Envia, Doroteu, vizinho chefe

135– Ao nosso grande chefe outro soldado  
Por vários crimes convencido e preso.  
Lança-se o tal soldado, de joelhos  
Aos pés do seu herói, suspira e treme,  
Não nega que ferira e que matara,  
140– Mas pede que lhe valha a mão piedosa  
Que tudo pode, que ele aperta e beija.  
Pergunta-lhe o bom chefe se os seus crimes  
Divulgados estão e o camarada,  
Com semblante já leve, lhe responde  
145– Que suas graves culpas foram feitas  
Em sítios mui distantes desta praça.  
Então, então o chefe, compassivo  
Manda tirar os ferros dos seus braços  
a-lhe um salvo-conduto, com que possa,  
150– Contanto que na terra não se saiba,  
fazer impunemente insultos novos.  
Caminha, Doroteu, à força um negro  
Conforme as leis do reino bem julgado.  
Tu sabes, Doroteu, que o próprio Augusto  
155– Estas fatais sentenças não revoga  
Sem um justo motivo, em que se firme  
o seu perdão a causa. Também sabes  
Que estas mesmas mercês se não concedem  
Senão por um decreto, em que se expende  
160– Que o sábio rei usou, por motu-próprio,  
Do mais alto poder que tem o cetro.  
Agora, Doroteu, atende e pasma:  
Por um simples despacho, manda o chefe  
Que o triste padecente se recolha.  
165– Assenta: vale tanto, lá na corte,  
Um grande – El-Rei – impresso, quanto vale  
Em Chile, um – Como pede – e o seu garrancho.  
Aonde, louco chefe, aonde corres  
Sem tino e sem conselho? Quem te inspira  
170– Que remitir as penas é virtude?  
E, ainda a ser virtude, quem te disse  
Que não é das virtudes, que só pode,  
Benigna, exercitar a mão augusta?  
Os chefes, bem que chefes, são vassallos  
175– E os vassallos não têm poder supremo.  
O mesmo grande Jove, que modera  
O mar, a terra e o céu, não pode tudo,  
Que ao justo só, se estende o seu império.  
O povo, Doroteu, é como as moscas  
180– Que correm ao lugar, aonde sentem

O derramado mel, é semelhante  
Aos corvos e aos abutres, que se juntam  
Nos ermos, onde fede a carne podre.  
À vista, pois, dos fatos, que executa

### Página 13

185– O nosso grande chefe, decisivos  
Da piedade que finge, a louca gente  
De toda a parte corre a ver se encontra  
Algum pequeno alívio à sombra dele.  
Não viste, Doroteu, quando arrebenta  
190– Ao pé de alguma ermida a fonte santa,  
Que a fama logo corre e todo o povo  
Concebe que ela cura as graves queixas.  
Pois desta sorte entende o néscio vulgo  
Que o nosso general lugar-tenente,  
195– Em todos os delitos e demandas,  
Pode de absolvição lavrar sentenças.  
Não há livre, não há, não há cativo  
Que ao nosso Santiago não concorra.  
Todos buscam ao chefe e todos querem,  
200– Para serem bem vistos, revestir-se  
Do triste privilégio de mendigos.  
Um as botas descalça, tira as meias  
E põe no duro chão os pés mimosos;  
Outro despe a casaca, mais a veste  
205– E de vários molambos mal se cobre;  
Este deixa crescer a ruça barba,  
Com palhas de alhos se defuma aquele;  
Qual as pernas emplastra e move o corpo  
Metendo nos sobacos as muletas;  
210– Qual ao torto pescoço dependura,  
Despido, o braço que só cobre o lenço;  
Uns, com bordão, apalpam o caminho,  
Outros, um grande bando lhe apresentam  
De sujas moças, a quem chamam filhas.  
215– Já foste, Doroteu, a um convento  
De padres franciscanos, quando chegam  
As horas de jantar ? Passaste, acaso  
Por sítio em que morreu mineiro rico,  
Quando da casa sai pomposo enterro?  
220– Pois eis aqui, amigo, bem pintada  
A porta, mais a rua deste chefe  
Nos dias de audiência. Oh! quem pudera  
Nestes dias meter-se um breve instante,  
A ver o que ali vai na grande sala!  
225– Escusavas de ler os entremezes  
Em que os sábios poetas introduzem,

Por interlocutores, chefes asnos.  
Um pede, Doroteu, que lhe dispense  
Casar com uma irmã da sua amásia;  
230– Pede outro que lhe queime o mau processo,  
Onde esta criminoso, por ter feito  
Cumprir exatamente um seu despacho;  
Diz este que os herdeiros não lhe entregam  
Os bens, que lhe deixou, em testamento,

## Página 14

235– Um filho de Noé; aquele ralha  
Contra os mortos,juízes, que lhe deram,  
Por empenhos e peitas, a sentença  
Em que toda a fazenda lhe tiraram;  
Um quer que o devedor lhe pague logo;  
240– Outro, para pagar, pretende espera;  
Todos, enfim, concluem que não podem  
Demandas conservar; por serem pobres  
E grandes as despesas, que se fazem  
Nas casas dos letrados e cartórios.  
245– Então o grande chefe, sem demora,  
Decide os casos todos que lhe ocorrem  
Ou sejam de moral, ou de direito,  
Ou pertençam, também, à medicina,  
Sem botar, (que ainda é mais), abaixo um livro  
250– Da sua sempre virgem livraria.  
Lá vai uma sentença revogada  
Que já pudera ter cabelos brancos;  
Lá se manda que entreguem os ausentes  
Os bens ao sucessor, que não lhes mostra  
255– Sentença que lhe julgue a grossa herança.  
A muitos, de palavra, se decreta  
Que em pedir os seus bens, não mais prossigam;  
A outros se concedem breves horas  
Para pagarem somas que não devem.  
260– Ah! tu, meu Senhor Pança, tu que foste  
Da Baratária o chefe, não lavraste  
Nem uma só sentença tão discreta!  
E que queres, amigo, que suceda?  
Esperavas, acaso, um bom governo  
265– Do nosso Fanfarrão? Tu não o viste  
Em trajes de casquilho, nessa corte ?  
E pode, meu amigo, de um peralta  
Formar-se, de repente, um homem sério?  
Carece, Doroteu, qualquer ministro  
270– Apertados estudos, mil exames,  
E pode ser o chefe onipotente  
Quem não sabe escrever uma só regra

Onde, ao menos, se encontre um nome certo?  
Ungiu-se, para rei do povo eleito,  
275– A Saul, o mais santo que Deus via.  
Prevaricou Saul, prevaricaram,  
No governo dos povos, outros justos.  
E há de bem governar remotas terras  
Aquele que não deu, em toda vida  
280 – Um exemplo de amor à sã virtude?  
As letras, a justiça, a temperança  
Não são, não são morgados que fizesse  
A sábia natureza, para andarem.  
Por sucessão nos filhos dos fidalgos.

## Página 15

285– Do cavalo andaluz, é, sim, provável  
Nascer, também, um potro de esperança,  
Que tenha frente aberta, largos peitos,  
Que tenha alegres olhos e compridos,  
Que seja, enfim, de mãos e pés calçado;  
290– Porém de um bom ginete também pode  
Um catralvo nascer, nascer um zarco.  
Aquele mesmo potro, que tem todos  
Os formosos sinais, que aponta o Rego,  
Carece, Doroteu, correr em roda  
295– No grande picadeiro muitos meses,  
Para um e outro lado, necessita  
Que o destro picador lhe ponha a sela  
E que, montando nele, pouco a pouco,  
O faça obedecer ao leve toque  
300– Do duro cabeção, da branda rédea.  
Dos mesmos, Doroteu... porém já toca.  
Ao almoço a garrida da cadeia  
Vou ver se dormir posso, enquanto duram  
Estes breves instantes de sossego,  
305– Que, sem barriga farta e sem descanso,  
Não se pode escrever tão longa história.

## CARTA 3ª

*Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio.*

Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!  
Assopra o vento sul, e densa nuvem  
Os horizontes cobre; a grossa chuva,  
Caindo das biqueiras dos telhados



- 5- Forma regatos, que os portais inundam.  
Rompem os ares colubrinas fachas  
De fogo devorante e ao longe soa,  
De compridos trovões, o baixo estrondo.  
Agora, Doroteu, ninguém passeia,  
10- Todos em casa estão, e todos buscam  
Divertir a tristeza, que nos peitos  
Infunde a tarde, mais que a noite feia.  
O velho Altimidonte, certamente,  
Tem postas nos narizes as cangalhas  
15- E revolvendo os grandes, grossos livros.  
C'os dedos inda sujos de tabaco,  
Ajunta ao mau processo muitas folhas  
De vãs autoridades carregadas.  
O nosso bom Dirceu, talvez que esteja.  
20- Com os pés escondidos no capacho,

## Página 16

- Metido no capote, a ler gostoso  
O seu Vergílio o seu Camões e Tasso.  
O termo Floridoro, a estas horas,  
No mole espreguiceiro se reclina  
25- A ver brincar, alegres, os filhinhos,  
Um já montado na comprida cana  
E outro pendurado no pescoço  
Da mãe formosa, que risonho abraça.  
O gordo Josefino está deitado,  
30- Nada lhe importa, nem do mundo sabe,  
Ao som do vento, dos trovões e chuva,  
Como em noite tranqüila, dorme e ronca;  
O nosso Damião, enfim, abana  
Ao lento fogo com que, sábio, tira  
35- Os úteis sais da terra e o teu Critilo,  
Que não encontra, aqui, com quem murmure,  
Quando só murmurar lhe pede o gênio,  
Pega na pena e desta sorte voa,  
De cá, tão longe, a murmurar contigo.  
40- Já disse, Doroteu, que o nosso chefe,  
Apenas principia a governar-nos,  
Nos pretende mostrar que tem um peito  
Muito mais terno e brando, do que pedem  
Os severos ofícios do seu cargo.  
45- Agora, cuidarás, prezado amigo,  
Que as chaves das cadeias já não abrem,  
Comidas da ferrugem ? Que as algemas,  
Como trastes inúteis, se furtaram?  
Que o torpe executor das graves penas  
50- Liberdade ganhou ? Que já não temos

Descalços guardiães, que à fonte levem,  
Metidos nas correntes, os forçados?  
Assim, prezado amigo, assim devia  
Em Chile acontecer, se o nosso chefe  
55– Tivesse, em governar, algum sistema.  
Mas, meu bom Doroteu, os homens néscios  
As folhas dos olmeiros se comparam:  
São como o leve fumo, que se move  
Para partes diversas, mal os ventos  
60– Começam a apontar, de partes várias.  
Ora, pois, doce amigo, atende o como  
No seu contrário vicio, degenera  
A falsa compaixão do nosso chefe,  
Qual o sereno mar, que, num instante,  
65– As ondas sobre as ondas encapela.  
Pretende, Doroteu, o nosso chefe  
Erguer uma cadeia majestosa,  
Que possa escurecer a velha fama  
Da torre de Babel e mais dos grandes,  
70– Custosos edifícios que fizeram,

## Página 17

Para sepulcros seus, os reis do Egito.  
Talvez, prezado amigo, que imagine  
Que neste monumento se conserve  
Eterna, a sua glória, bem que os povos  
75– Ingratos não consagrem ricos bustos  
Nem montadas estátuas ao seu nome.  
Desiste, louco chefe, dessa empresa:  
Um soberbo edifício levantado  
Sobre ossos de inocentes, construído  
80– Com lágrimas dos pobres, nunca serve  
De glória ao seu autor, mas, sim, de opróbrio.  
Desenha o nosso chefe, sobre a banca,  
Desta forte cadeia o grande risco,  
A proporção do gênio e não das forças  
85– Da terra decadente, aonde habita.  
Ora, pois, doce amigo, vou pintar-te  
Ao menos o formoso frontispício.  
Verás se pede máquina tamanha  
Humilde povoado, aonde os grandes  
90– Moram em casas de madeira a pique.  
Em cima de espaçosa escadaria  
Se forma do edifício a nobre entrada  
Por dois soberbos arcos dividida;  
Por fora destes arcos se levantam  
95– Três jônicas colunas, que se firmam  
Sobre quadradas bases e se adornam

De lindos capitéis, aonde assenta  
 Uma formosa, regular varanda;  
 Seus balaústres são das alvas pedras  
 100– Que brandos ferros cortam sem trabalho.  
 Debaixo da cornija, ou projetura,  
 Estão as armas deste reino abertas  
 No liso centro de vistosa tarja.  
 Do meio desta frente sobe a torre  
 105– E pegam desta frente, para os lados,  
 Vistasas galerias de janelas  
 A quem enfeitam as douradas grades.  
 E sabes, Doroteu, quem edifica  
 Esta grande cadeia? Não, não sabes.  
 110– Pois ouve, que eu t’o digo: um pobre chefe  
 Que, na corte, habitou em umas casas  
 Em que já nem abriam as janelas.  
 E sabes para quem? Também não sabes.  
 Pois eu também t’o digo: para uns negros  
 115– Que vivem, (quando muito), em vis cabanas,  
 Fugidos dos senhores, lá nos matos.  
 Eis aqui, Doroteu, ao que se pode  
 Muito bem aplicar aquela mofa  
 Que faz o nosso mestre, quando pinta  
 120– Um monstro meio peixe e meio dama.

## Página 18

Na sabia proporção é que consiste  
 A boa perfeição das nossas obras.  
 Não pede, Doroteu, a pobre aldeia  
 Os soberbos palácios, nem a corte  
 125– Pode, também, sofrer as toscas choças.  
 Para haver de suprir o nosso chefe  
 Das obras meditadas as despesas,  
 Consume do senado os rendimentos  
 E passa a maltratar ao triste povo,  
 130– Com estas nunca usadas violências:  
 Quer cópia de forçados que trabalhem  
 Sem outro algum jornal, mais que o sustento  
 E manda a um bom cabo que lhe traga  
 A quantos quilombotas se apanharem  
 135– Em duras gargalheiras. Voa o cabo,  
 Agarra a um e outro e num instante  
 Enche a cadeia de alentados negros.  
 Não se contenta o cabo com trazer-lhe  
 Os negros que têm culpas, prende e manda  
 140– Também, nas grandesavas, os escravos  
 Que não têm mais delitos que fugirem  
 Às fomes e aos castigos, que padecem

No poder de senhores desumanos.  
 Ao bando dos cativos se acrescentam  
 145– Muitos pretos já livres e outros homens  
     Da raça do país e da européia  
     Que, diz ao grande chefe, são vadios  
     Que perturbam dos povos o sossego.  
 Não há, meu Doroteu, quem não se molde  
 150– Aos gestos e aos costumes dos maiores.  
     Brincando, os inocentes os imitam,  
     Se as tropas se exercitam, eles fingem  
     As hórridas batalhas. Se fazem  
     Devotas procissões, também carregam  
 155– Aos ombros os andores e as charolas.  
     Os mesmos magistrados se revestem  
     Do gênio e das paixões de quem governa.  
     Se o rei é piedoso, são benignos  
     Os severos ministros, se é tirano  
 160– Mostram os pios corações de feras.  
     Por isso, Doroteu, um chefe indigno  
     É muito e muito mau, porque ele pode  
     A virtude estragar de um vasto império.  
     Os nossos comandantes, que conhecem  
 165– A vontade do chefe, também querem  
     Imitar deste cabo o ardente zelo.  
     Enviam para as pedras os vadios  
     Que, na forma das ordens, mandar devem  
     Habitar em desterro novas terras.  
 170– Ora, pois, doce amigo, já que falo

## Página 19

Nos nossos comandantes, será justo  
 Que te dê destes bichos uma idéia.  
 A gente, Doroteu, que não se alista  
 Nas tropas regulares forma corpos  
 175– De bisonha ordenança.  
 Não há terra Sem ter um corpo destes. Os seus chefes  
     Ao capitão maior estão sujeitos,  
     E são os que se chamam comandantes,  
     Porque as partes comandam destes terços.  
 180– Estes famosos chefes, quase sempre  
     Da classe dos tendeiros são tirados.  
     Alguns, inda depois de grandes homens,  
     Se lhe faltam os negros, a quem deixam  
     O governo das vendas, não entendem  
 185– Que infamam as bengalas, quando pesam  
     A libra de toucinho e quando medem  
     O frasco de cachaça. Agora atende,  
     Verás que desta escória se levanta

De magistrados uma nova classe.  
190– Aos ricos taverneiros, disfarçados  
Em ar de comandantes, manda o chefe  
Que tratem da polícia e que não deixem  
Viver, nos seus distritos, as pessoas  
Que forem revoltosas. Quer que façam  
195– A todos os vadios uns sumários  
E que, sem mais processos, os remetam  
Para remotas partes, sem que destas  
Jurídicas sentenças, se faculte  
Algum recurso para mor alçada.  
200– Já viste, Doroteu, um tal desmancho?  
As santas leis do reino não concedem  
Ao magistrado régio, que execute,  
No crime, o seu julgado e o nosso chefe  
Quer que dêem as sentenças sem apelo  
205– Incultos comandantes, que nem sabem  
Fazer um bom diário do que vendem!  
Concedo, caro amigo, que estes homens  
São uns grandes consultos, que meteram  
Os corpos do direito nos seus cascos.  
210– Ainda assim pergunto: e como pode  
O chefe conceder-lhes esta alçada ?  
Ignora a lei do reino, que numera  
Entre os direitos próprios dos augustos  
A criação dos novos magistrados?  
215– O grande Salomão lamenta o povo  
Que sobre o trono tem um rei menino;  
Eu lamento a conquista a quem governa  
Um chefe tão soberbo e tão estulto  
Que, tendo já na testa brancas repas,  
220– Não sabe, ainda, que nasceu vassalo.

## Página 20

Os néscios comandantes e o bom cabo,  
Que fez o nosso herói geral meirinho,  
Remetem, nas correntes, povo imenso.  
Parece, Doroteu, que temos guerras;  
225– Que, para recrutar as companhias,  
De toda a parte vêm chorosas levas.  
Aqui, prezado amigo, principia  
Esta triste tragédia, sim, prepara,  
Prepara o branco lenço, pois não podes  
230– Ouvir o resto, sem banhar o rosto  
Com grossos rios de salgado pranto.  
Nas levas, Doroteu, não vêm somente  
Os culpados vadios; vem aquele  
Que a dívida pediu ao comandante;

235– Vem aquele, que põs impuros olhos  
 Na sua mocetona e vem o pobre,  
 Que não quis emprestar-lhe algum negrinho,  
 Para lhe ir trabalhar na roça e lavra.  
 Estes tristes, mal chegam, são julgados  
 240– Pelo benigno chefe a cem açoites.  
 Tu sabes, Doroteu, que as leis do reino  
 Só mandam que se açoitem com a sola  
 Aqueles agressores, que estiverem.  
 Nos crimes, quase iguais aos réus de morte.  
 245– Tu também não ignoras que os açoites  
 Só se dão, por desprezo, nas espáduas,  
 Que açoitar, Doroteu, em outra parte  
 Só pertence aos senhores, quando punem  
 Os caseiros delitos dos escravos.  
 250– Pois todo este direito se pretere:  
 No pelourinho a escada já se assenta,  
 Já se ligam dos réus os pés e os braços,  
 Já se descem calções e se levantam  
 Das imundas camisas rotas fraldas,  
 255– Já pegam dois verdugos nos zorragues,  
 Já descarregam golpes desumanos,  
 Já soam os gemidos e respingam  
 Miúdas gotas de pisado sangue.  
 Uns gritam que são livres, outros clamam  
 260– Que as sábias leis do rei os julgam brancos,  
 Este diz que não tem algum delito  
 Que tal rigor mereça, aquele pede  
 Do justo acusador, ao céu, vingança.  
 Não afrouxam os braços os verdugos,  
 265– Mas, antes, com tais queixas, se duplica  
 A raiva nos tiranos, qual o fogo  
 .Que aos assopros dos ventos ergue a chama  
 Às vezes, Doroteu, se perde a conta  
 Dos cem açoites, que no meio estava,  
 270– Mas outra nova conta se começa.

## Página 21

Os pobres miseráveis já nem gritam.  
 Cansados de gritar, apenas soltam  
 Alguns fracos suspiros, que enternecem.  
 Que é isso, Doroteu, tu já retiras  
 275– Os olhos do papel? Tu já desmaias?  
 Já sentes as moções, que alheios males  
 Costumam infundir nas almas ternas?  
 Pois és, prezado amigo, muito fraco,  
 Aprende a ter o valor do nosso chefe  
 280 – Que à janela se pôs e a tudo assiste

Sem voltar o semblante para ailhargia.  
E pode ser, amigo, que não tenha  
Esforço, para ver correr o sangue,  
Que em defesa do trono se derrama.  
285– Aos pobres açoitados manda o chefe  
Que, presos nas correntes dos forçados,  
Vão juntos trabalhar. Então se entregam  
Ao famoso tenente, que os governa  
Como sábio inspetor das grandes obras.  
290– Aqui, prezado amigo, principiam  
Os seus duros trabalhos. Eu quisera  
Contar-te o que eles sofrem, nesta carta,  
Mas tu, prezado amigo, tens o peito,  
Dos males que já leste, magoado,  
295– Por isto é justo que suspenda a história,  
Enquanto o tempo não te cura a chaga.

#### CARTA 4ª

*Em que se continua a mesma matéria*

Maldito, Doroteu, maldito seja  
O vício de um poeta, que, tomando  
Entre dentes alguém, enquanto encontra  
Matéria em que discorra, não descansa.  
5– Agora, Doroteu, mandou dizer-me  
O nosso amigo Alceu, que me embrulhasse  
No pardo casacão, ou no capote  
E que, pondo o casquete na cabeça,  
Fosse ao sítio Covão, jantar com ele.  
10– Eu bem sei, Doroteu, que tinha sopa  
Com ave e com presunto, sei que tinha  
De mamota vitela um gordo quarto,  
Que tinha fricassês, que tinha massas,  
Bom vinho de Canárias, finos doces  
15– E, de mimosas frutas, muitos pratos.  
Porém que importa, amigo, perdi tudo  
Só para te escrever mais uma carta.  
Maldito, Doroteu, maldito seja

#### Página 22

O vício de um poeta, pois o priva  
20– De encher o seu bandulho, pelo gosto  
De fazer quatro versos, que bem podem  
Ganhar-lhe uma maçada, que só serve  
De dano ao corpo, sem proveito d'alma.  
A carta, Doroteu, a longa carta

25– Que descreve a cadeia, finaliza  
 No ponto de que os presos se remetem  
 Ao severo tenente, que preside,  
 Como sábio inspetor, às grandes obras.  
 Agora prossigamos nesta história  
 30– E demos-lhe o principio, por tirarmos  
 Ao famoso inspetor, ao grão tenente,  
 Com cores delicadas, uma cópia.  
 É de marca maior que a mediana,  
 Mas não passa a gigante, tem uns ombros  
 35 – Que o pescoço algum tanto lhe sufocam.  
 O seu cachaço é gordo, o ventre inchado,  
 A cara circular, os olhos fundos,  
 De gênio soberbão, grosseiro trato,  
 Assopra de contínuo e fala muito.  
 40– Preza-se de fidalgo e não se lembra  
 Que seu pai foi um pobre, que vivia  
 De cobrar dos contratos os dinheiros,  
 De que ficou devendo grandes somas,  
 Sinal de que ele foi um bom velhaco.  
 45– O filho, Doroteu, tomou-lhe as manhas:  
 Era um triste pingante, que só tinha  
 O seu pequeno soldo, agora veio  
 Para inspetor das obras e já ronca,  
 Já empresta dinheiros, já tem casas,  
 50– Já tem trastes de custo e ricos móveis,  
 Mas logo, Doroteu, verás o como.  
 Mal o duro inspetor recebe os presos  
 Vão todos para as obras; alguns abrem  
 Os fundos alicerces, outros quebram,  
 55– Com ferros e com fogo, as pedras grossas.  
 Aqui, prezado amigo, não se atende  
 Às forças nem aos anos. Mão robusta  
 De atrevido soldado move o relho,  
 Que a todos, igualmente, faz ligeiros.  
 60– Aqui se não concede de descanso  
 Aquele mesmo dia, o grande dia  
 Em que Deus descansou e em que nos manda  
 Façamos obras santas, sem que demos,  
 Aos jumentos e bois, algum trabalho.  
 65– Tu sabes, Doroteu, que um tal serviço  
 Por uma civil morte se reputa.  
 Que peito, Doroteu, que duro peito  
 Não que deve ter um chefe, que atormenta

A tantos inocentes por capricho?  
 70– Que se arrisque o vassalo na campanha,



É uma digna ação que a pátria exige,  
Nem este grande risco nos estraga  
O pundonor, que vale mais que a vida;  
Antes nos abre as portas, para entrarmos  
75– Nos templos do heroísmo. Sim, nós temos,  
Nós temos mil exemplos. Muitos, muitos  
Que, há séculos, morreram pela pátria,  
Na memória dos homens inda vivem.  
Mas arriscar vassalos inocentes  
80– Às pedras que se soltam dos guindastes  
E aos montes de piçarra que desabam  
Nos fundos alicerces, sem vencerem,  
Nem como jornaleiros têmue paga;  
Pô-los, ainda em cima, na figura  
85– Dos indignos vassalos, que se julgam  
Em pena dos delitos, como escravos,  
Isto só para erguer-se uma obra grande,  
Que outra, pequena, supre, é mais que injusto:  
É uma das ações que só praticam  
90– Aqueles torpes monstros, que nasceram  
Para serem, na terra, o mal de muitos.  
Dirás tu, Doroteu, que o nosso chefe  
Não quer que os inocentes se maltratem;  
Que o fero comandante é quem abusa  
95– Dos poderes que tem. Prezado amigo,  
Quem ama a sã verdade busca os meios  
De a poder descobrir e o nosso chefe  
Despreza os meios de poder achá-la.  
Qu'ê deles, os processos, que nos mostram  
100– A certeza dos crimes? Quais dos presos  
Os libelos das culpas contestaram?  
Quais foram os juízes, que inquiriram  
Por parte da defesa e quais patronos  
Disseram, de direito, sobre os fatos?  
105– A santa lei do reino não consente  
Punir-se, Doroteu, aquele monstro  
Que é réu de majestade, sem defesa.  
E podem ser punidos os vassalos  
Por aéreos insultos, sem se ouvirem  
110– E sem outro processo, mais que o dito  
De um simples comandante, vil e néscio?  
Um louco, Doroteu, faz mais, ainda,  
Do que nunca fizeram os monarcas;  
Faz mais que o próprio Deus, que Deus, querendo  
115– Punir, em nossos pais, a culpa grave  
Primeiro lhes pediu, que lhe dissessem,  
Qual foi, do seu delito, a torpe causa.  
Passam, prezado amigo, de quinhentos

Os presos que se ajuntam na cadeia.  
120– Uns dormem encolhidos sobre a terra,  
Mal cobertos dos trapos, que molharam  
De dia, no trabalho. Os outros ficam,  
Ainda, mal sentados e descansam  
As pesadas cabeças sobre os braços,  
125– Em cima dos joelhos encruzados.  
O calor da estação e os maus vapores  
Que tantos corpos lançam, mui bem podem  
Empestar, Doroteu, extensos ares.  
A pálida doença aqui bafeja,  
130– Batendo brandamente as negras asas.  
Aquele Doroteu, a quem penetra  
Este hálito mortal, as forças perde,  
Tem dores de cabeça e, num instante.  
Abrasa-se em calor, de frio treme.  
135 – Fazem os seus deveres os afetos  
Do nosso grão tenente: amor e ódio.  
Aquele que, risonho, lhe trabalha  
Nas suas próprias obras, é mandado  
Curar-se à Santa Casa, como pobre.  
140– Os outros são tratados como servos,  
Que fogem ao trabalho dos senhores,  
Para as correntes vão, arrancam pedra  
E, quando algum fraqueia, o mau soldado  
Dá-lhe um berro que atroa, a mão levanta  
145– E, nas costas, o relho descarrega.  
Ah! tu, piedade santa, agora, agora,  
Os teus ouvidos tapa e fecha os olhos?  
Ou foge desta terra, aonde um Nero,  
Aonde os seus sequazes, cada dia  
150 – Para o pranto te dão motivos novos.  
O fogo, Doroteu, que vai moendo  
Depois de bem moer, a chama ateia  
E a matéria consome, em breve instante.  
Assim a podre febre que roía  
155– Aos míseros enfermos, pouco a pouco  
Erguendo, qual o fogo, a lavareda,  
À força do cansaço que resulta  
Do trabalho e do sol, consome e mata.  
Uns caem, com os pesos, que carregam  
160– E das obras os tiram pios braços  
Dos tristes companheiros; outros ficam  
Ali mesmo, nas obras, estirados.  
Acodem mãos piedosas: qual trabalha  
Por ver se pode abrir as grossas pegas  
165– E qual o copo d'água lhes ministra,

Que, fechados os dentes, já não bebem.  
Uns as caras borrifam, outros tomam  
Os débeis pulsos que, parando, fogem.

**Página 25**

Ah! não mais compaixão! Não mais desvelo!  
170– O socorro chegou, mas foi mui tarde:  
Cobrem-se os membros de um suor já frio,  
Os cheios peitos, arquejando, roncam  
E vertem umas lágrimas sentidas,  
Que só lhes descem dos esquerdos olhos:  
175– Amarela-se a cor, baceia a vista,  
O semblante se afila, o queixo afrouxa,  
Os gestos e os arrancos se suspendem;  
Nenhum mais bole, nenhum mais respira  
Assim, meu Doroteu, sem um remédio,  
180– Sem fazerem despesas em um só caldo,  
Sem sábio diretor, sem sacramentos,  
Sem a vela na mão, na dura terra  
Estes pobres acabam seus trabalhos.  
Que esperas, duro chefe, que não contas  
185– À corte os teus triunfos! Tu não podes  
Mandar alqueires dos anéis tirados  
Dos dedos que cortaste nas campanhas;  
Mas de algemas, de pegas e correntes,  
Podes mandar à corte imensos carros.  
190– Tu podes... mas, amigo, não gastemos  
Todo o tempo em contar sentidas coisas,  
Façamos menos triste a nossa história;  
Misturemos os casos, que magoam,  
Com sucessos, que sejam menos fortes.  
195– Não bastam, Doroteu, galés imensas,  
São outros mais socorros necessários  
Para crescerem as soberbas obras.  
Ordena o grande chefe, que os roceiros  
E outros quaisquer homens, que tiverem  
200– Alguns bois de serviço, prontos mandem  
Os bois e mais os negros que os governem,  
Durante uma semana de trabalho.  
Ordena, ainda mais, que, neste tempo,  
Não recebam jornal, antes, que tragam  
205– O milho, para os bois, dos seus celeiros.  
Que é isto, Doroteu, abriste a boca?  
Ficaste embasbacado? Não supunhas  
Que o nosso grande chefe se saísse  
Com uma tão formosa providência?  
210– Nisto de economia é ele o mestre;  
Está para compor uma obra, aonde

Quer o modo ensinar, de não gastarem  
As tropas coisa alguma, no sustento.  
Deus o deixe viver, até que chegue  
215 – A pô-la, Doroteu, no mesmo estado  
Em que estão os volumes, onde existem  
Os despachos, que deu, no seu governo.  
Ora, ouve ainda mais, atende e pasma.

**Página 26**

Para se sustentarem os forçados  
220– Os gêneros se compram, com bilhetes  
Que paga o tesoureiro, quando pode;  
E sobre esta fiança inda se tomam  
Por muito menos preço do que correm.  
As tropas, que carregam mantimentos.  
225– Apenas descarregam, vão, de graça,  
À distante caieira, com soldados  
Buscar queimada pedra. Daqui nasce  
Os tropeiros fugirem e chorarmos  
A grande carestia do sustento.  
230– Responde, louco chefe, se tu podes  
Tais violências fazer. Não era menos  
Lançares sobre os povos um tributo?  
Os homens que têm carros e os que vivem  
De víveres venderem são, acaso,  
235– Aos mais inferiores nos direitos?  
Esta cadeia é sua, porque deva  
Sobre eles carregar tamanho peso?  
E o povo, quando compra tudo caro,  
Não paga ainda mais, do que pagara  
240– Se um módico tributo se lançasse,  
À proporção dos bens de cada membro?  
Amigo Doroteu, quem rege os povos  
Deve ler, de contínuo, os doutos livros  
E deve só tratar com sábios homens. ;  
245– Aquele que consome as largas horas  
Em falar com os néscios e peraltas,  
Em meter entre as pernas os perfumes,  
Em concertar as pontas dos lencinhos,  
Não nasceu para as coisas que são grandes,  
250– Que. nestas bagatelas, não consomem  
O tempo proveitoso as nobres almas.  
Quem não quer, Doroteu, mandar o carro,  
Co'o famoso tenente se concerta.  
Onde vai tal dinheiro ninguém sabe;  
255– Só sabemos mui bem, que o bom tenente  
Sem ter outro negócio, que lhe renda,

De pingante, passou a potentado.  
Sabemos também mais... porém, amigo,  
O falar nestas coisas já me enfada.  
260– Omito outros sucessos, que lastimo,  
E fecho, Doroteu, a minha carta,  
Com um maravilhoso, estranho caso.  
Distante nove léguas desta terra  
Há uma grande ermida, que se chama  
265– Senhor de Matozinhos: este templo  
Os devotos fiéis a si convoca  
Por sua arquitetura, pelo sítio  
E, ainda muito mais, pelos prodígios

## Página 27

Com que Deus enobrece a santa imagem.  
270– Este famoso templo tem um carro,  
Comprado com esmolas, que carrega  
As pedras e madeiras, que ainda faltam.  
O comandante austero notifica  
A veneranda imagem, na pessoa  
275 – Do zeloso ermitão, para que mande  
O carro, com os bois, servir nas obras  
Mal lhe couber o turno da semana.  
Faz-se uma petição ao nosso chefe  
Em nome do Senhor, em que se alega  
280– Que o carro, que ele tem, se ocupa, ainda,  
Na pia construção da sua casa;  
Que ele, Cristo, não tem nenhuma renda  
Senão esmolas tênues, que só devem  
Gastar-se no seu templo e no seu culto,  
285– Conforme as intenções de quem as pede.  
Apenas viu o chefe o peditório,  
Quis ao Cristo mandar, que lhe ajuntasse  
O título que tinha, porque estava  
Isento de pagar os seus impostos:  
290– Que ele sabe mui bem que o mesmo  
Cristo Mandou ao velho Pedro, que pagasse  
A César, os tributos, em seu nome.  
E Cristo, figurado em uma imagem  
Não tem mais isenções, que teve o próprio.  
295– Pegava o seu Matúcio já na pena,  
Quando lembra, ao bom chefe, o que decretam  
Os cânones da igreja, que concedem  
Que, para se fazerem obras pias,  
Até os sacros vasos se alienem.  
300– Infere daqui logo, que este carro  
Não goza de isenção, porque, suposto

Se possa numerar nos bens da igreja,  
Conforme as Decretais até podia,  
Neste caso, vender-se, por ser obra  
305– Mais pia do que todas, a cadeia.  
Lança mão ele mesmo, então, da pena  
E põe na petição um – escusado –  
Com uns rabiscos tais, que ninguém sabe  
Ao menos conhecer-lhe uma só letra.  
310– Agora dirá tu: "meu bom Critilo,  
Não se isentar a Cristo desse imposto  
Foi um grande tesão, mas necessário,  
Por não se abrir a porta a maus exemplos.  
Antes o Santo Cristo é que devia  
315– Mandar o carro logo, como Mestre  
Da sublime Virtude e, desta sorte,  
Obrou o mesmo Cristo, em outro tempo,  
Mandando que pagasse Pedro a César

## Página 28

O tributo, por ele, quando estava,  
320– Por um dos filhos ser mui bem isento.  
Mas se esse Santo Cristo não podia  
Por dias dispensar os bois e carro,  
Porque não se valeu do tal Matúcio,  
Do poeta Robério e de outros trastes,  
325– Por quem aqui se conta, que pratica  
O grande Fanfarrão os seus milagres ?"  
Tu instas, Doroteu, qual o mestrado  
Quando, por defender a sua escola,  
Arregaçando o braço, o pé batendo  
330– E enchendo as cordoveias, grita e ralha.  
Mas eu, prezado amigo, com bem pouco  
Te boto esse argumento todo abaixo.  
Em primeiro lugar o Santo Cristo  
É homem muito sério, e por ser sério,  
335– Não tem com essa gente um leve trato;  
Em segundo lugar é muito pobre.  
Só dá aos seus devotos indulgências  
Com anos de perdão e, destas drogas,  
Não fazem tais validos nenhum caso.  
340– Ora pois, louco chefe, vai seguindo  
A tua pretensão, trabalha, e força  
Por fazer imortal a tua fama.  
Levanta um edifício em tudo grande,  
Um soberbo edifício, que desperte  
345– A dura emulação na própria Roma.